

Cinema? Tô fora!

Jamile Lopes

Durante muito tempo o cinema foi a grande diversão das massas, por isso seu preço era acessível. Com o valor de uma entrada de teatro, uma família de quatro pessoas ia ao cinema, comia pipoca e ainda sobrava dinheiro. Os preços altos ficavam para outras diversões como shows ao vivo, teatro, etc.

Hoje a situação é bem diferente. O cinema já não é mais tão acessível quanto antes, está caminhando para a elitização e as pessoas que freqüentam as salas de projeções são classificadas, no Brasil, de classe A. O preço de um ingresso chega ao absurdo de custar mais caro que entradas de peças de teatro. Como se explica o fato de uma entrada para a peça "Segundas Histórias", com Antônio Nóbrega, custar R\$ 3,14, enquanto que uma entrada de cinema nos fins de semana chega à R\$ 5,00?

Os grandes donos de cinema não se dispõem a esclarecer a questão, os funcionários não sabem o porquê, e a única atitude que resta para as pessoas que gostam de cinema é reclamar. Alguns estudantes acreditam que os aumentos

abusivos ocorrem desde o aparecimento da carteira de estudante da UNE, que dá 50% (cinquenta por cento) de desconto para os seus portadores em todos os horários de qualquer cinema, inclusive durante a semana, quando a maioria dos cinemas dá um desconto de 50% (cinquenta por cento) para qualquer pessoa. Os estudantes, na verdade, ganham um desconto de 75% (setenta e cinco por cento). Mas esta versão pode não estar correta, por que os aumentos abusivos são anteriores ao surgimento da carteira de estudante. A outra hipótese levantada está ligada aos descontos dados pelos próprios cinemas durante a semana (de segunda à quinta). Para que esses descontos possam ser praticados sem que os cinemas percam o lucro, eles dobram o preço no final de semana assumindo-o como o valor real e, na verdade, aplicam o valor justo da sessão como um desconto.

Muito lucro? Sim, e a garantia de cinemas sempre lotados. Essa fórmula não falha. Porém, pessoas que antes freqüentavam semanalmente o cinema, agora estão tendo que optar por uma ou

duas vezes ao mês, sem contar que com a pouca diferença de preços o teatro acabou ficando mais barato e, conseqüentemente, mais procurado. Pelo menos é o que acham alguns estudantes dos cursos de Direito e Comunicação da PUC-Rio, que admitem ter descoberto o caminho do teatro e das videolocadoras depois de constatarem a falta de critério dos cinemas ao estabelecerem os preços das sessões.

Cristina Seffair, 20 anos e estudante do 6º período de Direito na PUC-Rio, acha que não vale mais a pena sair de casa: "sofremos riscos desnecessários de assaltos para irmos ao cinema gastar um dinheiro que pode ser aproveitado em outras coisas; até mesmo em uma sessão coletiva de videocassete na casa de amigos". "Os filmes de hoje", diz Cristina, "envelhecem numa velocidade muito grande, e quando notamos, já estão nas prateleiras das videolocadoras. Pelo preço de uma entrada de cinema chamo meus amigos para uma sessão de videocassete, para assistir a um filme recém-lançado e no conforto de minha casa". ■



Julia Roberts e Nick Nolte em "Adoro problemas". Dois jornalistas apaixonados e em apuros